

Alessandra observa que essa mudança é quase automática. “Bolsas maiores costumam aparecer em fases de sobrecarga, especialmente quando há filhos pequenos. A mulher passa a carregar soluções não só para si, mas para outra vida que depende dela.”

Ela completa: “Desde cedo, as mulheres são educadas para prever problemas — levar um remédio, um lanche, um casaco. A maternidade intensifica esse papel de ‘solucionadora oficial’ da família”, destaca. Geovanna conta que costuma usar uma bolsa maior para a faculdade e, em ocasiões sociais, uma menor com menos itens ou, até mesmo, reservar um espaço da bolsa de Lucca.

Estética, autonomia e conexão

Para Júlia Maria Hipólito, 21 anos, estudante de Fisioterapia, a bolsa é escolhida pelo look do dia. Ainda assim, dentro dela há uma verdadeira estação móvel: iPad, fone de ouvido, carregador, livro, duas canetas, lapiseira, remédio, absorvente, creme de mão, prendedor de cabelo, chiclete e chaveirinhos. A jovem admite que não tem o costume de organizar os itens na bolsa. “Jogo eles lá e só.” Recibos e papéis de apostilas se acumulam até que, a cada dois meses, resolve limpar.

Para ela, o essencial a se carregar são canetas, fones e ao menos um livro, de vez em quando adicionando um remédio para dor de cabeça. Já a maquiagem não é prioridade, tendo no máximo um gloss. E o dinheiro vivo também quase não circula. Júlia carrega apenas 5 reais, por segurança e garantia. No dia a dia, a estudante frequenta o transporte público, e na faculdade, apenas alguns dos objetos são retirados da bolsa, como o iPad e a caneta, os outros, são itens levados “por segurança”.

De acordo com a psicóloga, o perfil traduz a geração hiperconectada. “Hoje, o que ocupa espaço são dispositivos eletrônicos. A bolsa saiu do campo de charme e entrou no campo da potência e da conexão. O smartphone, o carregador e o fone representam autonomia, entretenimento e produtividade.”

Nenhuma margem para imprevisto

Luziane Sousa, 45 anos, é técnica de enfermagem e vive uma rotina intensa. São cerca de 40 horas semanais fora de casa. Ela sai com três bolsas: a do dia a dia, a marmiteira com todas as refeições e outra com roupas. Na bolsa principal há agenda, carteira, batom de cacau, carregador, fone de ouvido, absorvente, ventilador portátil, papel higiênico, chave do carro, carimbo, hidratante, escova e creme dental, fio dental, óculos, alicate, lixa de unha, remédios, casaco, garrafa de água — além de bisturi e tesoura.



Zilmar gosta de estar preparada para qualquer coisa

Sua bolsa pesa cerca de quatro quilos. “Tudo que tem na bolsa é essencial.” O peso não incomoda porque ela se desloca de carro. Prefere bolsas com várias divisórias, mas admite que não mantém uma organização rígida. Ela ainda carrega dinheiro por segurança, mesmo utilizando mais cartões e Pix. E os itens de autocuidado estão todos ali: hidratante, produtos de higiene e cosméticos básicos.

Para Alessandra, esse acúmulo não é exagero, é reflexo de múltiplos papéis. “A bolsa grande é o símbolo da mulher que precisa estar pronta para resolver qualquer situação. Ela carrega trabalho, saúde, alimentação e até ferramentas profissionais. É a materialização da responsabilidade.”

Menos peso, mais estratégia

Euzilene Lemos, 54 anos, aposentada, resume sua bolsa em quatro pilares: celular, carteira, óculos e batom. Acrescenta carregador, pó compacto ou protetor com cor e uma caneta. “Hoje carrego menos do que antigamente, com certeza”, afirma.

Sua bolsa é pequena e organizada: documentos e cartões ficam na carteira; e maquiagem, em uma nécessaire separada. Ela passa entre quatro e seis horas fora de casa e raramente usa transporte público. Para compromissos de última hora, batom e rímel são suficientes para que se sinta bem e arrumada. A bolsa, para ela, é “uma caixa de ferramentas”.

Segundo Alessandra, bolsas menores podem indicar um momento de maior controle. “Elas aparecem quando a mulher se sente mais segura, mais livre ou quer comunicar que não precisa carregar provisões extras.”

Preparada para qualquer coisa

Zilmar Barreto, 78 anos, aposentada há 17 anos, descreve sua bolsa como um universo próprio. “Tem tudo o que você pensar.” Remédios (muitos), bloquinho de notas, canetas, contas para pagar, celular, carregador, escova e pasta de dente, chaves de três casas — dela e das filhas, e tudo mais que se possa pensar. “Se me pararem na rua e me chamarem para viajar, consigo ir só levando essa bolsa”, brinca.

Ela não se preocupa com moda e prefere uma bolsa com divisórias. Zilmar gosta de sempre estar à disposição, se alguém precisar de algo, ela tem na bolsa. A aposentada conta que passa bastante tempo fora de casa, sai de manhã, e pode não voltar no mesmo dia, sem retirar nada da bolsa, tudo é essencial. Nessa correria, somada ao peso da bolsa, já teve até problema na coluna.

Para a psicóloga, esse comportamento fala de autonomia. “A bolsa funciona como uma extensão do corpo. É o kit de sobrevivência social. Sair sem ela pode gerar a sensação de estar ‘nua’, porque ali estão as ferramentas que garantem segurança.”

Entre a bagunça e o território íntimo

Algumas organizam por compartimentos; outras acumulam recibos por meses. “Uma bolsa muito bagunçada geralmente é reflexo de uma mente sobrecarregada”, diz Alessandra. “A mulher guarda papéis e objetos sem utilidade porque está exausta para decidir o que descartar. A bagunça é o cansaço acumulado.”

A bolsa feminina é muito vista como um objeto “inviolável”, onde ninguém mais tem acesso. A psicóloga explica que esse costume existe porque o item é o único espaço de soberania absoluta que a mulher tem na rua. “É uma casa portátil. Abrir a bolsa de uma mulher sem permissão é visto como uma falta de respeito grave porque é ali que ela guarda sua intimidade e suas estratégias de sobrevivência. É o seu território particular”.

Entre terços, chaveiros decorativos, glosses e medicamentos, há também âncoras emocionais. “Carregar um objeto sentimental é levar um pedacinho de afeto para o meio do caos. Eles lembram quem ela é.”

Aos 19, divide espaço com juventude e responsabilidades. Aos 21, vibra conexão e estética. Aos 40, pesa responsabilidade. Aos 54, reflete objetividade. Aos 78, simboliza preparo e autonomia. Entre batons e bisturis, livros e contas a pagar, o que elas carregam não é excesso, é estratégia para enfrentar o mundo.

***Estagiária sob supervisão de Eduardo Fernandes**